

“A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA”

SANTOS, Alexandra Batista dos
Xandra200281@yahoo.com.br

SILVA, Carla Cristina da Conceição
carlafal@ig.com.br

ANDRADE, Elaine Maria Santos
elaine21andrade@hotmail.com

SANTOS, Josane Cristina Batista. (Orientadora)
Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB, professora do curso de Letras da
Universidade Tiradentes-UNIT.
josaneibt@gmail.com

RESUMO

Nesse artigo trataremos sobre o papel da leitura nas aulas de Língua Portuguesa, suas práticas e efeitos e como a mesma pode contribuir para a transformação do indivíduo. O domínio da língua é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo. O objetivo geral é analisarmos a importância da leitura como fator favorecedor para a transformação do indivíduo na sociedade. Queremos ainda mostrar o quanto a leitura possibilita mudanças no caráter humano, uma vez que a mesma dá suporte para compreender e interpretar os fatos sociais. Com isso, pretendemos ampliar a idéia de que as práticas de leitura devem ser motivadas para que haja uma mudança na sociedade através da interpretação, não só dos textos, mas como do mundo.

Palavras-chave: Leitura, ensino-aprendizagem, práticas de leitura, transformação.

“A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA”

O domínio da língua é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo.

A aprendizagem da leitura não se realiza da mesma forma para todos. É necessária uma reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura.

Nas entrelinhas acima podemos perceber o tema a ser tratado nesse artigo. Talvez seja um assunto um pouco repetitivo, porém merecedor de uma atenção especial.

O desejo de falar sobre leitura nos veio à mente quando descobrimos o número alarmante de pessoas que não dominam a leitura no Brasil e no mundo.

Temos como objetivo geral analisar a importância da leitura como fator favorecedor para a transformação do indivíduo na sociedade. Como objetivo, específico queremos mostrar o quanto a leitura possibilita mudanças no caráter humano, uma vez que a mesma dá suporte para compreender e interpretar os fatos sociais.

Com a elaboração desse artigo desejamos aumentar o nosso conhecimento sobre a importância do ato de ler (e ler bem) podendo, assim, sermos profissionais mais habilitados para sanar problemas da má qualidade na leitura.

Visamos ainda contribuir de maneira significativa para outros estudos e despertar o desejo em colegas de profissão para destinar uma atenção maior para a leitura.

Essa pesquisa é classificada como bibliográfica e foi elaborada com base em materiais já elaborados (e consagrados). Materiais estes como livros, revistas e sites. Várias etapas foram desenvolvidas: escolha do tema, levantamento bibliográfico, formulação do problema, busca das fontes, leitura das mesmas e redação dos textos.

No presente artigo nortearremos conceitos de leitura, deficiência e melhorias nos processos, as práticas desenvolvidas, o tratamento didático, além de estatísticas.

Partindo para um conceito mais simples e vago de leitura podemos dizer que nada mais é do que a decodificação de letras e a junção das mesmas para compreender o significado de frases e textos curtos. Mas será que esse conceito serve para nos transformar e fazer de nós sujeitos atuantes no processo de transformações sociais? Certamente não, pois o conceito de leitura é bem mais amplo e diversificado.

A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ler, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem preferencialmente por intermédio de um alfabeto. Como estes estímulos passam a ocorrer com grande intensidade a partir do século 18, a leitura se revela como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a uma modelo de sociedade que se valeu para sua expansão.
(LAJOLO, 1986)

É evidente que estudar é imprescindível para aprendizagem, mas o interesse por ler e escrever certamente vem em primeiro lugar. Com as transformações que a sociedade está sofrendo, não basta saber ler ou mal assinar o nome; é preciso ser um "bom leitor", isto é, ser alguém que gosta e faz da leitura um compromisso diário com a informação e conhecimento.

De nada adianta, uma leitura sem compreensão, não é leitura. Ler sem absorver o que está sendo lido é parar na etapa da decodificação dos sinais gráficos. Para que a leitura seja satisfatória, é preciso que haja interação entre o leitor e o texto, porque ler é atribuir significado ao texto lido, é dialogar com o próprio texto.

O objetivo da leitura é formar cidadãos capazes de compreender diferentes textos com os quais se defrontam. Para que possamos alcançar esse objetivo, é necessário organizar o trabalho educativo principalmente quando os alunos não têm contato com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes.

...a leitura não é a habilidade de decodificar palavras, mas sim de se extrair o significado, o implícito e explícito do texto escrito. É um processo seletivo e ao mesmo tempo, um jogo de adivinhação psico-lingüístico que envolve uma interação entre pensamento e linguagem. (SCOTT, 1983).

Uma boa leitura não só nos aproxima da (língua) escrita, como também é fonte inesgotável de conhecimento que nos ajudam na difícil tarefa de escrever. Ler, portanto, é fundamental entre outras coisas, para que saibamos interpretar não só textos, mas, tudo o que nos rodeia.

A leitura proporciona à conquista da linguagem, a liberdade de argumentar, a perda do medo de falar e de se expor. Faz o ser humano adquirir segurança própria.

É bastante comum ouvirmos aqui e acolá alguma idéia a respeito de leitura informativa, leitura funcional, leitura de entretenimento, leitura formativa, leitura literal, ao pé da letra ou mais solta, uma leitura livre, leitura compartilhada e tantos outros nomes e modalidades: cada uma carregando uma concepção do que é o ato da leitura. (O'SAGAE, 2008).

Diferentes são os papéis que a leitura exerce no ser humano. Existem vários tipos de leitores citamos alguns: existem aqueles que só lêem para se informar ou conectar-se com o mundo, há aqueles que lêem para instruir, ou ampliar seus conhecimentos, existem também aqueles que lêem para compartilhar idéias entre textos lidos de um mesmo autor, por exemplo, assim como existem aqueles que só lêem como uma forma de entretenimento. Seja qual for o motivo ou a necessidade fica mais que provável o quanto é imprescindível ler.

No prefácio de Joaquim Severino (1982) no livro *A importância do ato de ler* de Paulo Freire, este afirma que “a leitura da palavra é sempre precedida

da leitura de mundo e mais nada. Aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.(FREIRE, 1988).

Infelizmente não podemos fechar os olhos para a real situação da educação no Brasil. Muitos ainda não têm acesso e muitos mais não têm um ensino de qualidade.

Boa parte da educação que nos é passada advém das disciplinas cursadas nas escolas, outra parte podemos atribuir a educação dada pelos pais (e diga-se de passagem esta é muito importante). E uma outra advém da troca de conhecimento informal que acontece na convivência do dia a dia. Deixemos de lado as duas últimas e prestemos atenção nas maneiras como muitos profissionais de Língua Portuguesa têm trabalhado a leitura em salas de aula.

Não é difícil encontrarmos por aí, professores trabalhando de forma sistematizada, fragmentada o que causa verdadeira ojeriza a maioria dos alunos que não vêem motivo para continuar nas aulas, não se sentem motivados muito menos prazerosos nesse momento.

Diana Gonçalves Vidal (professora livre-docente em História da Educação da USP), que tem os seus trabalhos voltados para a área da leitura, afirma que “a escola novista dedica-se a organizar novas práticas discursivas nem torno do livro e da leitura. Seguindo o método analítico em oposição ao método sintético que surge no início do século XXI”. (VIDAL, 2002) Dessa forma não há um estímulo, e o aluno se vê obrigado muitas vezes a cumprir a carga horária para obter uma nota ao fim do ano letivo ou no final da unidade.

Estatísticas mostram que milhões de jovens e adultos não sabem ler nem escrever e isso acarreta um assunto muito desagradável, o chamado analfabetismo. Mas o que é ser analfabeto? Analfabetas são aquelas pessoas que não conseguem decodificar as letras do alfabeto e os números. A questão do analfabetismo divide-se em alguns grupos como, por exemplo, os analfabetos funcionais que são aqueles que sabem ler e escrever, no entanto, não são dotados de habilidades para decifrar, interpretar o sentido e (ou significado) das palavras e de organizá-las no papel.

A Declaração Mundial sobre Educação para Todos, afirma que mais de 960 milhões de pessoas são analfabetas funcionais em todo o mundo. Em 2007, o Brasil apresentava mais de 47 milhões de analfabetos funcionais, o que representara mais de 25% da população adulta, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). No Nordeste, em 2002, cerca de 40,8% da população era de analfabetos funcionais, o maior índice dentre as cinco regiões. Entre os estados do Nordeste, o nosso estado é o que apresentou o menor índice, 37,7% contra 46% de Alagoas e 47,8% do Piauí.

É absurda a idéia de que pessoas com nível superior (em Língua, Linguagem e Literatura), sejam analfabetas funcionais. Mas infelizmente isso ocorre e é originado no início do processo de aprendizagem que foi bastante defasado.

Poucos são os que conseguem realmente interpretar e entender o texto. Apenas uma pequena parte da população brasileira dispõe de habilidades para compreender o que está sendo lido.

No Brasil, o problema do analfabetismo funcional não está relacionado com a falta de escola ou com a carência de “profissionais”, mas talvez, a ausência de “verdadeiros profissionais”. Professores estruturados e capacitados para desenvolver e trabalhar esse problema, seria um bom começo. Profissionais que fizessem a diferença no ensino.

Mas o que será possível fazer para reverter esse quadro tão alarmante de analfabetos funcionais? De quem é a culpa? A resposta é simples; sabemos que só a educação de boa qualidade é capaz de mudar essa situação, mais precisamente a educação vinda das aulas de Língua Portuguesa e a culpa é de quem, da escola.

A sociedade e os pais culpam as escolas públicas e particulares que não sabem levar o aluno a experimentar o prazer da leitura. Os professores, por sua vez, culpam os pais da nova geração que não têm o hábito de ler para os filhos, como faziam alguns antigamente.

Há ainda um lamentável fato de um grande número de escolas não terem bibliotecas próprias e quando as tem, não dispõem de materiais com boa qualidade para ser aproveitado. Existem ainda aquelas escolas que, apesar de valorizar a leitura, carecem de metodologias adequadas para trabalhar este aspecto da subjetividade humana. Como foi apontado acima, no fundo, o professor tende em geral ao descompromisso com a falta de investimentos e de capacitação.

Precisamos mudar esse quadro com certa urgência, abolir o livro-texto que escraviza professores e alunos e despertar neste último o prazer pela leitura, e a aventura que ela proporciona.

Sabemos que o tratamento didático destinado a leitura não é em sua totalidade o ideal. A realidade é bastante diferente do que todos sonhamos e almejamos. A leitura é uma prática social muito complexa que se constitui um objeto de ensino envolvendo vários aspectos sociais.

O nosso maior problema a enfrentar continua sendo as metodologias usadas nas práticas de leitura em salas de aula. A escola anda tão apostilada, os textos lidos já vêm fragmentado o que boicota a possibilidade de se extrair prazer na leitura.

Existem educadores que criticam a televisão por tomar o tempo que poderia ser dedicado à leitura, e também por ela impedir o desenvolvimento da imaginação, e sem imaginação não é possível ter pensamento, nem escrever. Mas será mesmo que a televisão e o computador boicotam a criança?

Programas de TVs educativas para crianças existem e incentivam-nas a tomar gosto pela leitura, também desenvolve a imaginação e a criatividade. A TV Educativa faz um trabalho interessante, é um canal ligado vinte e quatro horas no ar com uma programação recheado de incentivos ao desenvolvimento intelectual de crianças.

O computador por sua vez também tem seu papel no processo de incrementar a leitura. A interação dos indivíduos com a tecnologia tem

transformado os mesmos.

Temos aí a tecnologia facilitando o acesso ao objeto, livro. O livro, pronto para ser lido e desfrutado, já traz incorporado pelo autor o CD ROM com o arquivo fechado de texto e ilustrações devidamente programados.

As práticas da leitura, com a disseminação da tecnologia da informação e seus suportes, vêm sem dúvida sendo fortemente influenciadas. Hoje é muito comum encontrarmos anexados aos livros de papel CD-ROM ou mesmo DVDs que ilustram e ampliam o universo abordado no livro.



O uso das novas tecnologias, sem dúvida, amplia consideravelmente o nível de informação, certamente contribui para o aumento do conhecimento, mas somente o professor, somente o ser humano, pode alcançar a sabedoria e ajudar outros a alcançá-la”. A participação do educador é fundamental e imprescindível para a mediação que poderá refinar o uso de novas tecnologias no âmbito educacional institucionalizado. (STAHL 1995, p. 293).

Fica claro e evidente que o uso das novas tecnologias veio para ratificar a idéia de que o computador é mais que um aliado no processo de aprendizagem.

Aliado ao uso do computador, vários projetos têm sido desenvolvidos nas escolas. Projetos são situações em que a linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolve tarefas que articulam esses diferentes conteúdos. São situações linguisticamente significativas, em que faz sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado.

Nos projetos em que é preciso expor ou ler oralmente para uma gravação que se destina as pessoas ausentes, por exemplo, uma circunstância interessante se apresenta: o fato de os interlocutores fisicamente presente obriga a adequar a fala ou a leitura a fim de favorecer sua compreensão, analisando o tom de voz e a dicção, planejando as pausas, a entonação etc. Os projetos são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler e em determinados casos a própria leitura oral e suas convenções.

Os pais também podem fazer a sua parte. Cada família poderia ser orientada a fazer o seu papel, assim como é mais fácil ensinar a criança a comer verduras a partir do exemplo dos pais, o mesmo acontece com o hábito de ler. Ler para os filhos antes de dormir estimula a curiosidade, solta a imaginação e cria neles o hábito de ler.



bxp211536 images.google.com.br

Aprendemos então que formar um leitor crítico requer um trabalho diferenciado por parte dos professores. O material selecionado deve ser adequado ao interesse dos alunos e deve estimular o gosto pela leitura. O professor, antes de tudo, deve ser um leitor crítico e capacitado a ensinar. Assim, o processo de ensino-aprendizagem terá um obstáculo a menos a ser vencido.

Para Jolibert (1994): “Ensinar é ajudar alguém em seus próprios processos de aprendizado”. Se ensinar é ajudar alguém em seus próprios processos de aprendizado, o professor de língua portuguesa deve, então, ter em mãos um material adequado ao ensino de leitura e compreensão textual.

Cada pessoa possui seus próprios processos, seus obstáculos e dificuldades a vencer.

A leitura implica uma interação entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto. Conscientes disso, os alunos compreenderão suas

próprias estratégias de leitura, ou seja, “o quê” e “como” fizeram para alcançar a compreensão de um texto.

“Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”. (LAJOLO: 1993).

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados: Cortez: 1988,

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1986

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola: pesquisa x propostas*. São Paulo: Ática, 1995.

MARIA, Luzia de. *Leitura & Colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 5 ed. Campinas: Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaca; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

Sites Consultados:

WWW.projetosdeleitura.com.br

WWW.dobrasdaleitura.com